

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

EDUCAÇÃO EM SAÚDE DIGITAL: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES EM TEMPOS DE DESINFORMAÇÃO

Resumo: Este estudo analisou o papel das redes sociais na educação em saúde digital, destacando seus impactos na disseminação de informações, os riscos associados à desinformação e as estratégias para mitigá-los. Foi realizada uma revisão narrativa de literatura, com busca em bases científicas e análise de artigos publicados entre 2020 e 2025, além de materiais previamente selecionados. Os critérios de inclusão contemplaram estudos que abordassem a utilização das redes sociais como ferramenta de promoção da saúde, as implicações da infodemia e as estratégias comunicacionais no combate às fake news. Os resultados demonstraram que as redes sociais constituem instrumentos relevantes para disseminar informações confiáveis, especialmente durante a pandemia da COVID-19, quando viabilizaram campanhas educativas e manutenção do vínculo com a população. Entretanto, os achados indicaram que esses espaços também potencializam a circulação de conteúdos falsos, favorecendo a hesitação vacinal e dificultando a adesão a medidas preventivas. Estratégias como letramento midiático, uso de linguagem acessível, monitoramento de conteúdos e fortalecimento das políticas públicas foram identificadas como fundamentais para reduzir vulnerabilidades. Conclui-se que as redes sociais são recursos estratégicos para a promoção da saúde, mas seu uso exige planejamento, regulação e práticas educativas que assegurem a qualidade da informação.

Palavras-Chave: Desinformação; Educação em Saúde; Informação em Saúde; Redes Sociais; Tecnologia da Informação.

Aline Grazielle Godoy Duarte

Mestra em Fisiopatologia pela UNESP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2635-9770>

Larissa Alves Ramos

Graduanda em Farmácia pela UFPA Orcid: 0009-0002-8476-435X

Nicolas Madeira Flores

Graduando em Medicina pela UCPEL

Alexandre Maslinkiewicz

Especialização em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e outras Doenças pela UFPI

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9722-8383>

Débora Emilly Leite Gonzaga

Pós-Graduada em Saúde pública com ênfase em saúde da família pela UEPB

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7806-0394>

Adeânio Almeida Lima

Mestre em Saúde Coletiva pela UFBA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1171-8299>

Raquel Leila da Silva Vidal

Mestra em administração Gestão da Inovação pela UniHorizontes

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2605-6467>

Yuryky Maynyson Ferreira de Medeiros Mestre em Ciência e Tecnologia em Saúde Orcid:

<https://orcid.org/0009-0006-5080-2900>

Wanderklayson Aparecido Medeiros de Oliveira

Doutor em Administração pela PUC

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7795-545X>

Talita Lopes Garçon

Doutorado em Enfermagem pela UEM

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0700-2554>

Digital Health Education: The Role of Social Media in Disseminating Information in Times of Disinformation

Abstract: This study analyzed the role of social media in digital health education and its relationship with misinformation, considering the challenges and strategies to mitigate it. A narrative literature review was conducted, searching scientific databases and analyzing articles published between 2020 and 2025, in addition to previously selected materials. Inclusion criteria included studies that addressed the use of social media as a health promotion tool, the implications of the infodemic, and communication strategies to combat fake news. The results demonstrated that social media constitutes relevant instruments for disseminating reliable information, especially during the COVID-19 pandemic, when it facilitated educational campaigns and maintained connections with the population. However, the findings indicated that these spaces also enhance the circulation of false content, fostering vaccine hesitancy and hindering adherence to preventive measures. Strategies such as media literacy, use of accessible language, content monitoring, and strengthening public policies were identified as fundamental to reducing vulnerabilities. It is concluded that social networks are strategic resources for health promotion, but their use requires planning, regulation and educational practices that ensure the quality of information.

Keywords: Disinformation; Health Education; Health Information; Social Networks; Information Technology.

INTRODUÇÃO

As redes sociais digitais transformaram a forma como a sociedade contemporânea se comunica e consome informações, especialmente no campo da saúde. Plataformas como Facebook, Instagram e Twitter se tornaram canais centrais para a divulgação de conteúdos voltados à prevenção e ao tratamento de doenças, principalmente em situações emergenciais, como a pandemia de COVID-19 (Silva; Melo, 2024). Essa realidade, no entanto, trouxe desafios significativos para a comunicação em saúde, com impactos diretos sobre a confiança pública nas orientações médicas e nas campanhas de imunização.

Durante a pandemia, a comunicação digital mostrou-se indispensável diante das medidas de distanciamento social, que exigiram estratégias alternativas para alcançar a população. Nesse contexto, as redes sociais foram amplamente utilizadas para disseminar

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

informações rápidas e acessíveis sobre prevenção, sintomas e vacinas (Oliveira; Valente, 2024). Entretanto, ao lado dessas iniciativas, observou-se a propagação massiva de desinformação e conteúdos enganosos, fenômeno que passou a ser identificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como infodemia (Cordeiro *et al.*, 2021).

A infodemia consiste na sobrecarga de informações verdadeiras e falsas, dificultando a tomada de decisões corretas pela população. Essa condição ganhou força durante a pandemia, quando teorias conspiratórias, curas milagrosas e mensagens distorcidas circularam em larga escala nos ambientes digitais (Revez, 2022). Esse cenário não apenas comprometeu a adesão às campanhas de vacinação, mas também aumentou a insegurança da população, tornando-se um desafio adicional para gestores e profissionais de saúde (Santos, 2023).

As redes sociais, embora representem uma oportunidade para a promoção da saúde, também se configuraram como um espaço vulnerável à disseminação de informações incorretas. Estudos demonstram que conteúdos falsos tendem a se propagar com maior rapidez que informações baseadas em evidências, devido ao seu apelo emocional e formato simplificado (Silva, 2024). Esse aspecto torna ainda mais urgente o desenvolvimento de estratégias de educação em saúde digital que privilegiem a construção crítica do conhecimento.

Diante dessa realidade, a educação em saúde mediada por tecnologias emerge como uma ferramenta essencial para combater as fake news e promover práticas de autocuidado baseadas em evidências científicas. Estratégias digitais, como campanhas educativas em redes sociais, vídeos interativos e podcasts, demonstraram eficácia na disseminação de informações confiáveis e no aumento do engajamento da população (Oliveira; Valente, 2024). Contudo, para que essas ações sejam efetivas, é necessário compreender as características e os desafios próprios do ambiente digital.

Estudos apontam que a tecnossociabilidade, conceito que descreve as interações sociais mediadas pelas tecnologias, intensificou-se durante a pandemia, gerando novas dinâmicas no consumo de informação (Silva; Melo, 2024). Esse fenômeno alterou profundamente as práticas comunicativas e educacionais, exigindo que os profissionais de saúde desenvolvessem competências para atuar em ambientes virtuais, assegurando a clareza e a confiabilidade das mensagens transmitidas.

O papel das competências em informação e leitura também ganha relevância nesse contexto. Habilidades voltadas à busca, avaliação e uso ético das informações são fundamentais

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

para lidar com o grande volume de conteúdos disponíveis no ciberespaço (Pacheco; Gerlin, 2022). A ausência dessas competências contribui para a vulnerabilidade dos usuários frente à desinformação, reforçando a necessidade de ações que articulem educação digital, letramento científico e promoção da saúde.

As iniciativas de combate à desinformação devem considerar ainda a influência dos algoritmos das plataformas digitais, que tendem a reforçar conteúdos com maior engajamento, independentemente da sua veracidade (Revez, 2022). Isso significa que, além da produção de materiais educativos de qualidade, é necessário investir em estratégias que aumentem a visibilidade das informações corretas e promovam a interação crítica dos usuários com os conteúdos consumidos.

Nesse cenário, destaca-se a importância da comunicação clara e do uso de linguagens acessíveis, capazes de dialogar com diferentes perfis de público (Santos, 2023). A simplificação da linguagem, sem perda da precisão científica, aliada ao uso de recursos audiovisuais, amplia o alcance das mensagens e contribui para reduzir a propagação de boatos e interpretações equivocadas sobre medidas de prevenção e tratamento (Oliveira; Valente, 2024).

As experiências relatadas em projetos educacionais demonstram que a abordagem crítica, inspirada em princípios da educação dialógica, é fundamental para promover a autonomia dos sujeitos frente às informações (Cordeiro et al., 2021). Essa perspectiva supera modelos transmissivos e valoriza a participação ativa dos usuários, estimulando reflexões sobre os impactos das informações consumidas e compartilhadas nas redes sociais.

A análise das publicações recentes revela que, embora existam iniciativas promissoras, os desafios impostos pela desinformação permanecem significativos. A ausência de regulamentação específica, a dificuldade em monitorar o fluxo informacional e a velocidade das interações digitais limitam a eficácia das medidas de contenção (Silva; Melo, 2024). Nesse sentido, urge avançar na elaboração de políticas públicas e protocolos institucionais voltados à comunicação segura e à educação digital em saúde.

Justifica-se, portanto, a realização desta revisão narrativa pela necessidade de compreender criticamente o papel das redes sociais na educação em saúde digital em um cenário marcado pela desinformação. A investigação contribui para identificar estratégias eficazes e lacunas existentes, subsidiando ações educativas e comunicacionais que promovam práticas seguras e informadas (Silva, 2024). O objetivo desta revisão narrativa é analisar o papel das

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

redes sociais na educação em saúde digital, destacando seus impactos na disseminação de informações, os riscos associados à desinformação e as estratégias para mitigá-los.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura, com a finalidade de analisar e discutir a produção científica sobre o papel das redes sociais na disseminação de informações em saúde e na educação digital em tempos de desinformação. Esse tipo de pesquisa foi escolhido por permitir uma abordagem ampla, capaz de integrar diferentes perspectivas sobre a temática, destacando tendências, desafios e estratégias relevantes.

A busca de informações foi realizada em bases de dados científicas reconhecidas, como SciELO, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde, além do uso de materiais disponíveis em arquivos previamente selecionados. Foram adotados critérios que assegurassem a relevância e a atualidade dos conteúdos, selecionando estudos publicados entre os anos de 2020 e 2025, período em que houve maior impacto da pandemia de COVID-19 e aumento do uso das redes sociais para promoção de saúde e circulação de informações.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos publicados em português, inglês ou espanhol, disponíveis na íntegra e que abordassem temas relacionados ao uso das redes sociais para promoção da saúde, estratégias de educação digital, desinformação e infodemia. Foram excluídos trabalhos duplicados, textos sem rigor científico, como blogs e editoriais, e estudos que tratassem da desinformação fora do contexto da saúde.

A coleta de dados ocorreu por meio de leitura exploratória e seletiva dos materiais encontrados. Em seguida, os estudos foram analisados integralmente para extração das informações, utilizando um roteiro previamente elaborado contendo variáveis como autor, ano, objetivo do estudo, tipo de abordagem e principais resultados. Posteriormente, as informações foram organizadas em categorias temáticas, que possibilitaram a síntese crítica dos achados.

A análise foi desenvolvida de forma qualitativa, permitindo interpretar os dados à luz da questão central proposta e das categorias identificadas. Essa abordagem possibilitou a compreensão do papel das redes sociais no processo de educação em saúde digital, os riscos associados à disseminação de informações falsas e as estratégias empregadas para mitigar tais

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

problemas. Por se tratar de uma revisão baseada em dados secundários, sem envolvimento de seres humanos ou experimentação, não houve necessidade de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme normas vigentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento dos estudos revelou que as redes sociais assumiram um papel central na comunicação em saúde durante a pandemia da COVID-19, oferecendo meios para manter o vínculo entre profissionais, instituições e a população. A utilização dessas plataformas permitiu a difusão de informações sobre prevenção, vacinação e cuidados, adaptando práticas educativas diante do isolamento social (Cunha, 2024). Essa capacidade de adaptação demonstra a relevância das redes como ferramentas estratégicas para o enfrentamento de crises sanitárias, especialmente quando integradas a ações planejadas de promoção da saúde (Oliveira *et al.*, 2025).

No entanto, a análise evidenciou também um aumento expressivo da desinformação em ambiente digital, com impactos diretos na percepção de risco e na adesão às medidas preventivas. Durante a pandemia, termos como “infodemia” e “desinfodemia” passaram a caracterizar a avalanche de conteúdos falsos, que dificultaram a tomada de decisão baseada em evidências (Araujo; Carvalho, 2023). Essa problemática se intensificou em plataformas como Facebook, WhatsApp e Instagram, as quais se destacaram pelo alcance e rapidez na circulação de informações, tanto verídicas quanto enganosas (Souza; Macedo, 2020).

Estudos apontam que o crescimento da desinformação comprometeu campanhas de vacinação, favorecendo a hesitação vacinal e ampliando a vulnerabilidade populacional (Massarani *et al.*, 2021). A análise dos conteúdos mais engajados nas redes revelou que, embora muitos apresentassem informações corretas, existiam lacunas na forma como eram explicadas as condutas preventivas. Isso reforça a necessidade de abordagens comunicacionais que combinem clareza, linguagem acessível e rigor científico (Cunha, 2024).

Outro resultado significativo refere-se ao impacto das redes sociais na relação médico-paciente. A busca por informações de saúde on-line gerou tensões nessa relação, ao mesmo

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

tempo em que trouxe oportunidades de empoderamento para os pacientes (Araujo; Gouvea; Lima, 2025). Por um lado, a conectividade permitiu maior participação no processo decisório; por outro, expôs riscos relacionados à credibilidade das fontes consultadas, o que pode conduzir à adoção de práticas inseguras.

As experiências exitosas relatadas por projetos de extensão e iniciativas educativas reforçam a eficácia das redes sociais na promoção da saúde quando utilizadas de forma estruturada. A implementação de estratégias como postagens periódicas, vídeos explicativos e materiais visuais atrativos contribuiu para ampliar o alcance das campanhas, aumentar o engajamento e combater informações falsas (Souza; Macedo, 2020). Esses achados sinalizam que a combinação entre conteúdo confiável e recursos interativos é um diferencial para potencializar resultados positivos em ambientes virtuais.

Apesar dos avanços, a presença de fake news continuou representando um obstáculo à efetividade das ações. Pesquisas apontam que narrativas baseadas em apelo emocional e teorias conspiratórias circulam mais rapidamente do que informações científicas, o que fragiliza esforços institucionais para conter boatos (Araujo; Carvalho, 2023). Essa constatação confirma a necessidade de estratégias de monitoramento contínuo, aliadas a políticas públicas que regulamentem a circulação de informações em redes sociais.

Outro ponto observado foi a relevância da tecnossocialidade na rotina dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). O uso de tecnologias digitais no cotidiano, associado a redes de apoio, mostrou-se fundamental para manutenção do cuidado, acompanhamento de tratamentos e prevenção de agravos durante a pandemia (Melo *et al.*, 2023). No entanto, também emergiu a preocupação com a saúde mental, agravada pela sobrecarga informacional e pela insegurança diante da veracidade das mensagens recebidas.

As redes sociais também se configuraram como espaços de disputa simbólica, em que diferentes atores buscaram legitimar discursos, influenciando percepções e condutas (Cunha, 2024). Essa dinâmica implica compreender as plataformas digitais como arenas de construção social da saúde, nas quais interagem saberes científicos, crenças populares e interesses políticos.

As iniciativas de enfrentamento à desinformação no Brasil, entre 2020 e 2022, concentraram-se em ações de fact-checking e letramento midiático, com foco em tornar o cidadão protagonista na análise crítica das informações (Araujo; Carvalho, 2023). Apesar

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

dessas ações, observou-se fragilidade na participação de atores regionais e do SUS, o que limita a capilaridade das estratégias.

Outro aspecto relevante identificado foi a eficácia das postagens em formato de imagem, que apresentaram maior alcance e interação em comparação a outros formatos (Cunha, 2024). Essa evidência aponta para a importância da estética comunicativa nas redes sociais.

A análise dos dados também revelou a persistência de desigualdades digitais como fator determinante para o acesso à informação. Limitações de conectividade e falta de dispositivos adequados restringem a participação plena de grupos socialmente vulneráveis (Melo *et al.*, 2023). Essa realidade reforça que as estratégias digitais devem ser complementadas por ações presenciais.

Com relação às vacinas, verificou-se que a circulação de conteúdos enganosos contribuiu para hesitação vacinal (Massarani *et al.*, 2021). Essa constatação evidencia que a comunicação sobre imunização deve ir além da transmissão de dados técnicos, incorporando estratégias que reforcem a credibilidade institucional e o diálogo com a população.

Por fim, os achados indicam que as redes sociais representam tanto uma oportunidade quanto um desafio para a educação em saúde digital. Quando utilizadas de forma estratégica, elas potencializam o alcance e a efetividade das campanhas, mas, quando desprovidas de regulação e monitoramento, podem amplificar riscos relacionados à desinformação (Araujo; Carvalho, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidenciou que as redes sociais desempenham papel central na comunicação em saúde, sendo instrumentos estratégicos para disseminar informações rápidas e acessíveis. Durante a pandemia da COVID-19, essas plataformas mostraram-se fundamentais para manter o vínculo entre profissionais e população, possibilitando ações educativas mesmo diante do distanciamento social. Contudo, observou-se que a mesma velocidade que permite a circulação de conteúdos confiáveis também favorece a propagação de fake news e discursos desinformativos, configurando um desafio para as políticas de saúde.

Os resultados apontam que o combate à desinformação requer estratégias que vão além da simples divulgação de informações corretas. É necessário investir em letramento midiático

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

e alfabetização em saúde, além de promover conteúdos atrativos, claros e cientificamente embasados. A experiência mostrou que a adoção de recursos interativos e linguagens acessíveis potencializa o engajamento e reduz a vulnerabilidade da população a boatos e interpretações equivocadas. Dessa forma, a educação digital emerge como uma ferramenta indispensável no fortalecimento da cidadania em saúde.

Como limitações, destaca-se a ausência de análise quantitativa e a restrição a estudos publicados em determinados recortes temporais, o que pode reduzir a amplitude das conclusões. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem abordagens sistemáticas, mensurem o impacto das intervenções digitais no enfrentamento à desinformação e investiguem como variáveis socioculturais influenciam a adesão às práticas educativas. Avançar nessa direção é essencial para consolidar modelos de comunicação em saúde mais eficazes, seguros e equitativos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lia Fabrin de; GOUVEA, Pollyana Bortholazzi; LIMA, Rita de Cássia Gabrielli Souza. Desinformação em saúde na relação médico-paciente no contexto das redes sociais: revisão de escopo. **Revista Caribeña de Ciências Sociales, Miami**, v. 14, n. 2, p. 01-20, 2025. DOI: 10.55905/rcssv14n2-011.

REVEZ, Jorge. Redes sociais e desinformação na saúde: o caso do Facebook. **Revista EDICIC, San José (Costa Rica)**, v. 2, n. 3, p. 1-21, 2022. ISSN 2236-5753. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/55583>.

CORDEIRO, Juliana Dias Rovari *et al.* A educação em ciências e saúde e o enfrentamento à desinfodemia: um relato de experiências críticas no ensino online. **Liinc em Revista, Rio de Janeiro**, v. 17, n. 1, e5720, maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5720>. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/260633bf3aaf3d595fff5f13524cdefc/1?pq-origsite=gscholar&cbl=5008010>.

CUNHA, Ana Luíza Lanna da. Redes sociais como ferramenta de comunicação em saúde durante a pandemia de COVID-19. 2024. **Monografia (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto**, 2024. Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/7039>.

MELO, Leila Cristine do Nascimento *et al.* Redes sociais virtuais e tecnologias em saúde no cotidiano de usuários e famílias: cuidado e promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 8, p. 2193-2205, 2023. DOI: 10.1590/1413-81232023288.05252023.

 <https://doi.org/10.71248/9786583818089-3>

MASSARANI, Luisa *et al.* Narrativas sobre vacinação em tempos de fake news: uma análise de conteúdo em redes sociais. **Saúde e Sociedade, São Paulo**, v. 30, n. 2, e200317, 2021. DOI: 10.1590/S0104-12902021200317.

OLIVEIRA, Stéfany Marinho de; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. Educação em saúde como estratégia no combate às fake news durante a campanha de imunização contra COVID-19. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 10, p. 1-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N10-225>. Disponível em: DOI: 10.56083/RCV4N10-225.

OLIVEIRA, Felipe Gabriel Barbosa de *et al.* Relato de experiência de uma Extensão em Medicina da Universidade de Brasília nas Mídias Sociais. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 01-16, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n1-140.

PACHECO, Joao Pedro da C.; GERLIN, Meri Nadia Marques. Competências necessárias no combate à desinformação: um estudo no contexto da rede social durante a crise sanitária. **Asklepion: Informação em Saúde, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 1, p. 139-159, abr./set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/asklepion.2022v2n1.p139-159>.

PINTO, Pâmela Araujo; CARVALHO, Eleonora de Magalhães. O enfrentamento à desinformação sobre saúde pública no Brasil: registros entre 2020 e 2022. **Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro**, v. 26, n. 1, p. 140-167, 2023. DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28051.

SANTOS, Nayara Delle Dono de Oliveira. A desinformação e o charlatanismo na saúde e a influência das redes sociais. 2023. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru**, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/252991>.

SILVA, Flavia Cibele Pereira da. O impacto das redes sociais na promoção da saúde: desafios e oportunidades no cenário digital. 2024. **Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação) – Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Petrolina**, 2024. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/handle/123456789/1429>.

SOUZA, Wesley Martins de; MACEDO, Eliza Cristina. Extensão em tempos de pandemia: as redes sociais como veiculadoras de educação em saúde. **Raízes e Rumos, Rio de Janeiro**, v. 8, n. 2, p. 336-347, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2317-7705.2020.v8i2.336-347>.

SILVA, Beatriz Gabriela Ferreira da; MELO, Andressa Gomes. Uso da tecnologia de informação e comunicação na promoção em saúde com ênfase em redes sociais. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 9, e0613946699, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i9.46699>. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i9.46699>.